

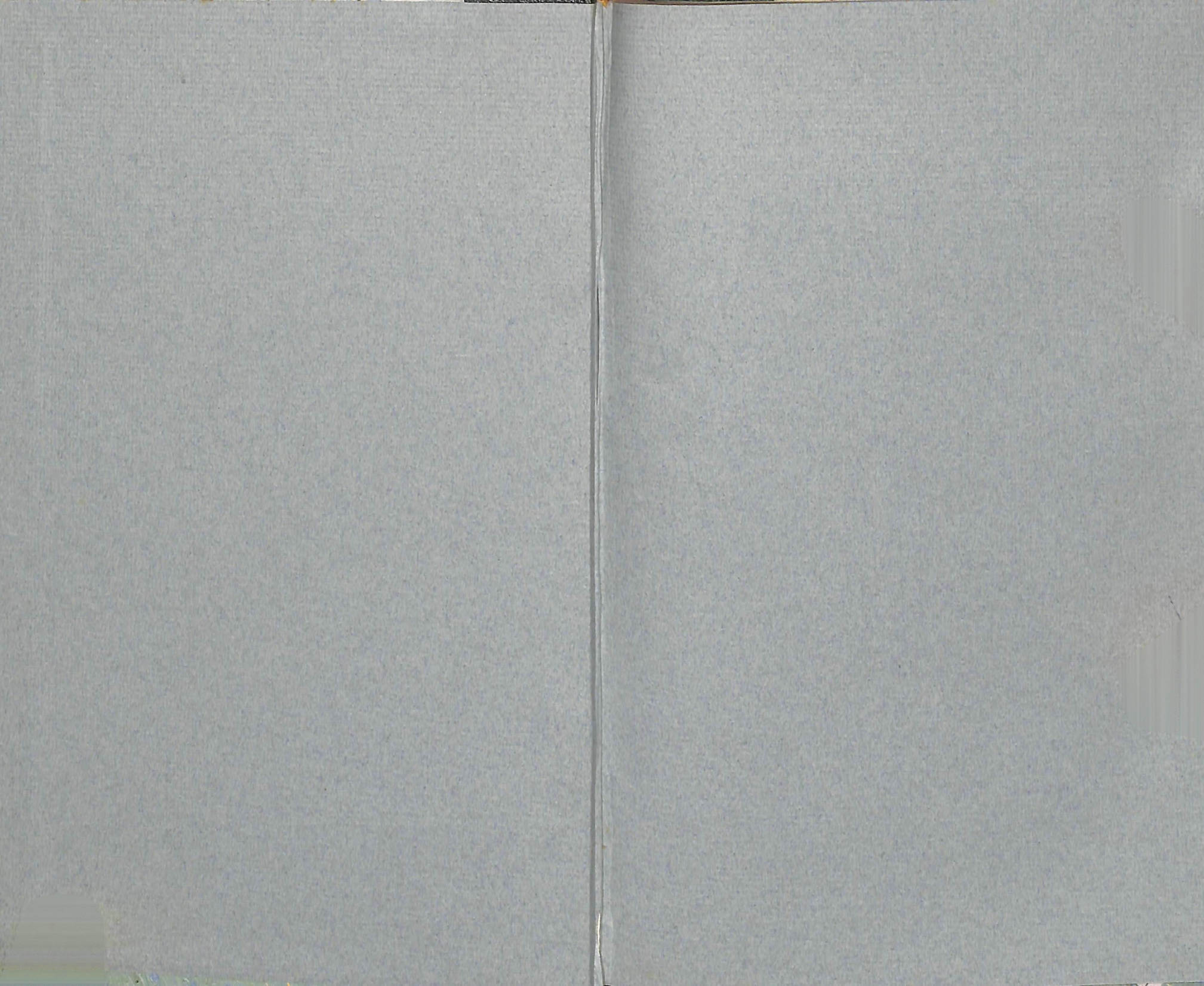
1966

A FAMILIA

QUINTINO BOCCAYUVA

1966





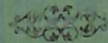
1756

A FAMÍLIA

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

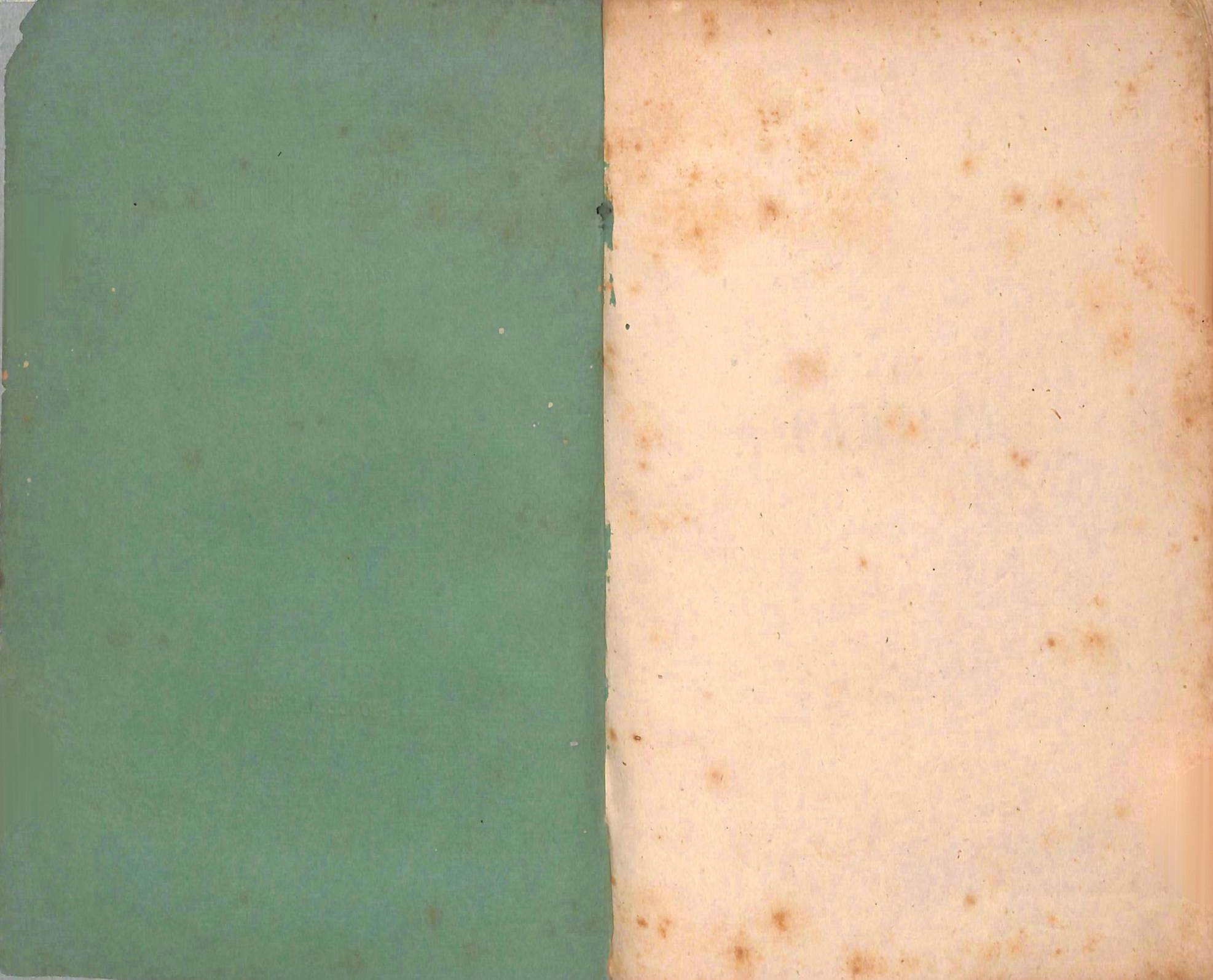
Q. Bocayusa



RIO DE JANEIRO

Typographia — PERSEVERANÇA — rua do Hospício n. 91.

—
1866.



A FAMILIA.

A FAMÍLIA

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

Q. Bocayuva



RIO DE JANEIRO

Typographia — PERSEVERANÇA — rua do Hospício n. 91.

—
1866.

A MEU TIO E AMIGO

PEDRO MORENO DE ALAGON

O. D. C.

EM SIGNAL DE ESTIMA E GRATIDÃO

O autor.

A FAMILIA.

PERSONAGENS.

PEDRO.

CLEMENCIA.

LAURA.

JORGE.

ERNESTO.

AMELIA.

A FAMILIA.

ACTO PRIMEIRO

Sala em casa de Pedro: modesta decencia nos ornatos.

SCENA I

PEDRO GOMES, E LAURA.

PEDRO.

Muito bem; estou satisfeito. Dá-me um abraço.

LAURA (abraçando-o).

Só?

PEDRO.

E que mais queres?

LAURA.

Quando eu era pequena e sabia as minhas lições, meu pai dava-me bonecas; quando fui um pouco mais crescida, meu pai dava-me vestidos; mas hoje que já sou uma moça quero mais alguma cousa; já não brinco com bonecas, já tenho tantos vestidos....

PEDRO.

Então o que desejas?

LAURA.

Ora o que hade ser? um camarote para ir ao Gymnasio.

PEDRO.

Isso é muito, filha.

LAURA.

Mas não é sempre.

PEDRO.

Nada; façamos isso por menos. O que não dirá o publico vendo-me pelos theatros! Um official reformado, pobre, com familia! ou tu pensas que um capitão tenente reformado ganha tanto como um amanuense de secretaria?

LAURA.

Não penso nada; á vista disso, não iremos.

PEDRO.

Muito bem; gosto dessa resignação.

LAURA.

E' a virtude dos que nada podem.

PEDRO.

Estás enganada, é a virtude dos que podem tudo.

LAURA.

Eu vejo o contrario. Tinha vontade de ir ao theatro: meu pai não quer, onde está o meu poder?

PEDRO.

O teu poder,... está na virtude de tua obediencia: venceste, iremos ao theatro.

LAURA (com effusão).

Como eu sou feliz! por ter um pai tão bom! Agora heide abraça-lo (abraçando-o) uma, duas, muitas vezes. Olhe, Amelia não tarda; ficará comigo e irá connosco ao espectaculo.

PEDRO.

Seja como queiras; hoje és tu quem governa.

SCENA II

OS MESMOS, E CLEMENCIA.

CLEMENCIA.

Que tagarellice é esta?

LAURA.

Não sabe, mamãe, acabo de alcançar uma victoria. Sem polvora nem sangue, mas uma grande victoria. Meu pae leva-nos ao theatro. Representa-se hoje um drama novo.

CLEMENCIA.

Logo vi. Pois fizeste mal, minha filha. E tu cedeste Pedro?

PEDRO.

E o que farias tu no meu lugar?

CLEMENCIA.

Não me deixava vencer.

LAURA.

E porque mamãe?

CLEMENCIA.

Porque, minha filha? Porque quando se tem um filho ou um irmão exposto ás injurias do mar e das tempestades, a inquietação deve habitar no coração dos seus ao lado da saudade.

LAURA.

E' verdade; não me lembrava. Perdõe minha mãe, porque quando chegue Jorge eu lhe pedirei tambem perdão.

PEDRO.

Ora ahí vieste tu desmanchar uma parte de todo o trabalho da minha vida.

CLEMENCIA.

Como?

PEDRO.

Destruindo a alegria de nossa filha. Para conseguir para ella essas momentaneas felicidades, olha, apezar de reformado e enjoado, era ainda capaz de expôr-me a um cruzeiro de sessenta dias.

LAURA.

Oh! não, meu pae, eu não estou triste. Pelo contrario. Agradeço a mamãe ter-me privado de commetter uma má accção. Nem sei mesmo, como foi! mas ha tanto tempo que meu irmão está longe do nós....

CLEMENCIA.

E por isso querias esquecel-o?

PEDRO.

Ora; Jorge é homem e o homem nasceu para lutar com as eventualidades. Porque hoje está fóra de sua casa, trabalhando para fazer-se gente e divertindo-se tambem que não é elle rapaz para desaproveitar o seu tempo estando na Europa, havemos de condemnar esta innocente a um degredo, a uma tristeza perpetua. Nada, nem eu quero isso.

CLEMENCIA.

Porém nada do que dizes impede que elle seja filho.
E um filho vale tanto para sua mãe!

PEDRO.

Tambem para seu pae; mas eu conheço o caracter
de Jorge e sei que elle mesmo não approvaria isso.
Demais, e a tua causa está vencida, Laura, hoje deve
chegar o paquete inglez. Elle teve ordem do ministro
para vir e é natural que esteja hoje entre nós.

LAURA (com alvoroço).

Devêras, meu pae?

PEDRO.

Sim; e nesse caso iremos ao theatro, mais contentes
ainda.

LAURA.

Seria uma fortuna.

CLEMENCIA.

De certo, mas eu lhe farei queixas de ti.

LAURA.

Isso não, que lhe faltará o tempo e a todos nós para
abraça-lo, festeja-lo e perguntar-lhe noticias das terras
que viajou. (Batem). Aposto que é Amelia quem vem
subindo.

SCENA III

OS MESMOS, E AMELIA.

AMELIA, (entrando e com muita alegria abraçando a todos).

Laura! minha mãe!...

CLEMENCIA.

Vens muito alegre, Amelia.

LAURA.

Jesus! Viste algum passarinho verde?

AMELIA.

Se vi? Não. Ah! estou fatigada. Mas não sabem?

CLEMENCIA E LAURA.

O que?

AMELIA.

Uma grande noticia. Se soubessem....

LAURA.

Mas dize.

PEDRO.

A que eu adivinho, Sra. D. Amelia.

AMELIA.

Adivinhar! essa era boa. Se adivinhassem já tinham
corrido, já tinham voado.

CLEMENCIA.

Ah ! será verdade ? Já soubeste ? Elle chegou ?

LAURA

Jorge !

PEDRO.

Elle mesmo.

AMELIA.

Pois não ! Se fosse isso já eu tinha dito. Nada ; o que me dão pela nova ?

LAURA.

Dou-te um beijo.

CLEMENCIA.

E eu dou-te um abraço.

PEDRO (junto á janella).

E eu não lhe dou nada porque já vejo alguma cousa que não me engana.

CLEMENCIA.

Meu filho !

PEDRO.

Elle mesmo que ahi vem chegando.

LAURA (correndo á porta juntamente com Clemencia).

Jorge ! Jorge !

SCENA IV

OS MESMOS, e JORGE.

JORGE.

Minha mãe. Laura, como estás bonita ! Mem pae, meu bom velho ! D. Amelia como está ? E sua mãe ? Não pergunto por seu pae, por que já estive com elle.

PEDRO.

Estás um rapagão ; um marinheiro ás direitas.

JORGE.

Então, minha mãe, chora por abraçar-me, por tornar a ver-me.

AMELIA (escondendo-se).

Eu fui a ultima !

CLEMENCIA.

Meu filho ! As lagrimas são um orvalho celeste. A desgraça e a alegria confundem-se n'uma só emoção.

JORGE.

Mas eu quero sorrisos e não lagrimas. Ha tanto tempo que nos não vemos ! Laura, não cesso de admirar-te, estás uma moça. E a senhora tambem D. Amelia. Só meu pae, só meu pae conserva-se sempre o mesmo. Vamos a saber ; já perdoou todas as minhas loucuras ?

LAURA.

Isso não se pergunta, já, já.

PEDRO.

Não senhora, responda pelo que lhe pertence; que quanto a nós temos umas contas que ajustar, mais tarde, mais tarde.

CLEMENCIA.

E podes duvidar disso, meu filho? O que é que um pae não perdôa? O que não absolve uma mãe!

LAURA.

Mas conte-nos o que vio, o que não vio. Nós já sabemos de muita cousa, não é verdade Amelia?

AMELIA.

Eu creio que nada sabemos ainda.

LAURA.

Divertio-se muito; passeou; gozou. Tanto melhor, mais terá que contar-nos.

JORGE.

Não tenho tempo agora, minha Laura, para contar-te tudo.

CLEMENCIA.

Eu prefiro que me falles da tua molestia na Europa. Se soubesses como soffremos todos com a noticia!

PEDRO.

Estravagancias de louco. Abusaste talvez da tua saude e o resultado é que nos torturaste a alma.

JORGE.

Oh! a esse respeito, minha mãe, tenho muito que contar-lhe. Antes, porém, devo communicar-lhes uma noticia.

PEDRO.

Qual.

JORGE.

Que meu pae e minha mãe têm mais um filho; e tu, Laura, mais um irmão.

CLEMENCIA.

E quem é esse novo filho?

JORGE.

Quem é? um amigo que tem parte em meu coração. Um amigo, digo mal, um irmão. Se soubessem o que lhe devo! Posso dizer que a minha vida, mais do que isso, a felicidade de minha familia. Foi o meu medico, o meu enfermeiro, quem substituiu junto ao meu leito, os desvellos de meu pae, os carinhos de minha mãe. Quero que no coração de todos os meus, nesta casa e na estima de todos os que me amam, elle tenha um lugar junto a mim.

PEDRO.

Quem é esse senhor?

CLEMENCIA.

Como se chama ?

JORGE.

Chama-se Ernesto.

CLEMENCIA.

E nem o poderemos vêr para agradecer-lhe tanta dedicação ?

JORGE.

Podem ; e devem-lhe mesmo tudo. Quiz á força trazê-lo comigo ; resistio a pretexto de que não devia interromper as effusões de familia. Instei, disse que seria bem vindo, que todos o abraçariam com amor, não quiz e lá foi ficar no hotel á espera que eu o mande chamar. Além de que, elle é quasi estrangeiro em sua patria. Sahio d'aqui ha tantos annos ! tão criança, que nem se lembra do anno em que partio para a Europa.

PEDRO.

Tem familia aqui ?

JORGE.

Não sabe. Mais tarde lhes contarei a sua triste mas gloriosa historia. Por ora quero que minha familia seja a sua.

LAURA.

E assim será. Tomára já ve-lo para agradecer-lhe tanta amizade.

AMELIA.

Eu tambem, Sr. Jorge, estou prompta a estima-lo. Se é tão seu amigo...

JORGE.

Se o é : garanto-lhe que não ha no mundo dous homens como elle. Intelligencia e coração , alma e virtudes, até ali. Olhe, meu pai, sem exageração, para se conhecer um homem como elle, valia a pena de ir á China em uma sumaca sem bussola.

PEDRO.

Tá tá tá ! Pelo que vejo é o Ante-Christo. Seja o que fôr, é teu amigo, prestou-te serviços, dize-lhe que póde dispôr desta casa como se fosse sua. Faço-o immediato de bordo.

CLEMENCIA.

Fazes bem meu filho. A gratidão é uma virtude que honra o character. E são tão raras as affeições sinceras !... Dize-me, então, elle vem hoje ver-nos ?

JORGE.

Não deve tardar ; mas apezar disso vou mandar chama-lo. Laura, tem paciencia minha irmã, hoje estou de folga, domino. Manda por um criado ao hotel da Europa levar este cartão ao quarto n. 7.

LAURA.

Pois não : você manda sempre até quando está longe.

Olha, hoje deu-se um facto nesta casa que prova quanto você é querido e... preferido, não é verdade mamãe?

CLEMENCIA.

Depois fallaremos nisso.

LAURA.

Vens comigo, Amelia?

AMELIA.

Sim.

PEDRO.

Justamente; tomem conta do resto da casa e ordenem que nos preparem um chá esplendido. Quero obsequiar ao nosso hospede. Biscutos, pão de ló, queijo, etc.: arruinem-me. (Sahem as moças).

CLEMENCIA.

Pedro.

JORGE.

Oh! por isso, não. Ernesto é homem que não desdenha a pobreza. Elle foi pobre, ainda o é talvez, mas enfim vive remediado. Vem estabelecer-se aqui e estou seguro de que hade acreditar-se. E' um medico de talento, formado em Paris.

PEDRO.

Mas enfim conta-me a historia do teu heróe. Quero

conhece-lo bem, desejo informar-me de tudo. A curiosidade entre amigos é um indicio de interesse.

JORGE.

E' triste a sua historia, coitado, mas por isso mesmo quero-lhe ainda mais!

CLEMENCIA.

Já não tem pae nem mãe?

JORGE.

Peior do que isso, minha mãe, nunca os teve!

PEDRO.

Então não conheceu sua familia?

CLEMENCIA.

Perdeu a ambos ainda no berço?

JORGE.

E' doloroso dizer-lo, minha mãe, mas o seu berço foi a calçada da rua.

CLEMENCIA.

Infeliz!

PEDRO.

Pobre moço. E como chegou a formar-se?

JORGE.

Pelo favor da Providencia, meu pae, que é a mãe dos desgraçados. Mas nesse coração de orphão, nessa

alma de engeitado medraram todas as virtudes que podem ennobrecer o character do homem. E Deos que é o amparo dos desprotegidos accendeu-lhe no espirito a luz da intelligencia que é a força do mundo. Elle chegou a ser grande pelo talento porque era bom de coração, e porque a virtude é o unico pedestal das grandezas humanas. Está commovida, minha mãe?

CLEMENCIA.

Sim, meu filho; a tua historia entristeceu-me e não sei se por isso mesmo amo já tanto a esse moço como se fosse meu filho.

PEDRO.

Eis ahi um homem que deve conhecer o mundo.

JORGE.

E conhece-o, meu pae, porque atravessou a noite da vida guiado pelo pharol da adversidade. A desgraça é a mestra dos homens. E o accaso que é o mensageiro da Providencia fez com que em meio do abandono uma mão caridosa o levantasse. Recolhido ao seio de uma familia, foi por ella creado e educado. Aceitaram-no como um peregrino do céu, como um hospede predestinado e ao morrerem, legaram-lhe a sua pequena fortuna.

CLEMENCIA.

Basta meu filho; para que elle seja digno do nosso affecto de nada mais precisa. A tua narração faz-me

soffrer, por mim, por ti de cujos olhos peço a Deos todas as noutes, que aparte o spectaculo afflictivo das miserias do mundo.

JORGE.

Tem razão, minha mãe, eu sei quanto isto a hade consternar. Seu coração não comprehende estas atrocidades. Uma mãe que abandona seu filho! Que lança o fructo de seu amor, o sangue de seu sangue, ao abandono, á miseria, aos cães da rua.

CLEMENCIA.

Meu filho! Oh! cala-te Jorge. As mães são pobres mulheres ungidas pela dôr.... não devem os homens atormental-as mais e serem mais impiedosos do que Deos para quem não ha perdão impossivel. E' um crime, oh! é mais do que um crime, mas se perante os juizes da sociedade os soffrimentos intimos da consciencia, os remorsos, podessem alliviar o peso das condemnações, acredita, é uma mãe que t'o diz, muitas culpas seriam resgatadas antes de serem punidas. Deos ensina a misericordia; tu tens uma familia, mãe, irmã, e Deos podera desapprovar a tua severidade perturbando a felicidade dos teus.

PEDRO.

Isso não; por que a misericordia é uma face da justiça divina; e esta não é cêga como a dos homens. (Batem.)

SCENA V

OS MESMOS, ERNESTO.

JORGE.

E' elle que chega.

CLEMENCIA, solta um grande suspiro, quasi um grito abafado.

ERNESTO.

E' teu pae, Jorge? (abraçando a Pedro) pois eu sou tambem seu filho, senhor.

JORGE.

Minha mãe, abraçe-o, por que é meu irmão. (Clemencia abraça a Ernesto.) Laura! D. Amelia! venham conhecer o seu novo amigo. (Entram ellas. Apresentando Laura) E' tua irmã.

ERNESTO.

Oh! meus amigos não tenho palavras para exprimir a minha commoção. Dá-me um abraço, Jorge! (a meia voz)
Tu és feliz, muito feliz! Tu tens uma familia!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO

Representa o palco um pequeno jardim. Cadeiras e bancos rusticos.

SCENA I

LAURA durante algum tempo está só e pensativa. Entra depois JORGE.

JORGE.

Ah! travessa! Ha uma hora que te procuro por todos os cantos da casa e não te encontro. Que estás fazendo aqui só e com esse ar tão triste?

LAURA.

Estava pensando.

JORGE.

Pensando em que, cabecinha de vento, pois na tua idade pensa-se?

LAURA.

Si se pensa Jorge ! Estava-me lembrando da minha vida, do meu futuro.

JORGE.

Logo hoje ?

LAURA.

Pois não é este o dia mais proprio ? Não é no nosso dia natalicio que mais vivas se nos affiguram as apprehensões do futuro ?

JORGE.

Ora deixa-te disto, minha romantica. Pois não estamos nós, meu pae, minha mãe e eu para pensarmos em ti e por ti ?

LAURA.

Era mesmo em vocês tres que eu pensava.

JORGE.

Em nós ! Ah ! dissimulada. Então era em mim que pensavas ?

LAURA.

E em quem mais havia de ser ?

JORGE.

Mas a que proposito ?

LAURA.

A proposito de uma lembrança bem triste, meu irmão.

JORGE.

Vamos a saber.

LAURA.

Lembrava-me que de um dia para outro Deos póde ferir-me com um grande infortunio. Que meu pae e minha mãe podem faltar-me ; que você póde casar-se e que eu ficarei orphã, estrangeira em sua propria casa.

JORGE.

Ora, minha louquinha, não tens mais nada que fazer ? Pois emquanto, festejando teu natalicio, nos entregamos todos ao prazer, tu te isolas para te entregares a idéas funebres ? O meu casamento ! Olla que ha de ser uma cousa engraçada !

LAURA.

Por que ? Todos os moços não se casam ?

JORGE.

Isso fazem os outros ; eu não posso faze-lo.

LAURA.

Por que razão ?

JORGE.

Por muitas, a primeira por não achar noiva. Basta-te esta ?

LAURA.

É a primeira que se destróe ; ha tantas moças virtuosas e bonitas.

JORGE.

Ha; mas tu não sabes que eu sou official de marinha?

LAURA.

E o que tem isso?

JORGE.

Tem muito, creança: nós ancoramos em muitos portos e em todos elles deixamos o coração.

LAURA.

Isso não se diz, Jorge.

JORGE.

Não se diz, mas faz-se. Como quer que seja posso tranquilisar-te, se só por isso estás inquieta: dou-te minha palavra de honra de que em todo o caso só me casarei depois de ver-te a ti casada.

LAURA.

Olhe o que diz. Arrisca-se a ficar solteiro toda a vida. Depois.... não quero. Por que eu seja infeliz não devo condemnar á infelicidade aquelles a quem amo. Não acceito a sua palavra de honra.

JORGE.

Faze o que queiras, mas eu sustento o que disse: não me caso antes de ti.

LAURA.

Ahi vem Amelia.

JORGE.

Bom; agora fiquem aqui a cochichar e deixem-nos sós lá dentro.

SCENA II

OS MESMOS, E AMELIA.

AMELIA.

Retira-se por que eu chego.

JORGE.

Essa pergunta é mal feita.

AMELIA.

Não, porque eu vim perturbar uma conversação.

LAURA.

Mas para ti não ha segredos; não és tu tambem minha irmã.... pelo coração?

JORGE.

Responda.

AMELIA.

Sou.

JORGE.

Portanto, entre irmãos não ha ceremonias.

AMELIA.

E' verdade; mas tambem não ha frieza.

JORGE.

Então acha-me frio?

AMELIA.

Na amizade.... um pouco.

JORGE.

E' porque não me conhece.

AMELIA.

Ou por conhecel-o de mais.

LAURA.

Enganas-te Amelia. Jorge não é máo, mas é....

JORGE.

E' o que; agora já processem-me.

LAURA.

Deixas que eu diga o que tu és.

JORGE.

Essa é boa; estou aqui para ser condemnado.

LAURA.

Pois és.... official de marinha; tu mesmo não o disseste.

JORGE.

E a senhora minha irmã para que faz esta revelação?

AMELIA.

E isso era um segredo?

JORGE.

Ah! querem desarvorar-me? pois faço-me ao largo.

LAURA.

Não, Jorge. Venha cá. Estou para confiar-lhe um segredo, mas tenho receio de que você se afflija.

JORGE.

Isto agora é mais serio.

LAURA.

Você estima muito ao Sr. Ernesto, não é verdade?

JORGE.

Isso não se pergunta mais.

LAURA.

Faz delle o melhor conceito que se pôde fazer de um homem?

JORGE.

Isso já passa a indiscrição, não acha D. Amelia?

AMELIA.

Porque? Ha tanto semblante que engana.

JORGE.

Isso é o semblante mas não o coração.

LAURA.

E mesmo o coração. Você ha pouco não me disse que haviam corações que se deixavam ficar em todos os portos?

JORGE.

Mas Ernesto não é official de marinha.

AMELIA.

Ah! e o seu é assim?

JORGE.

Meninas, não estamos em quaresma nem vocês são missionarios. Adeos que ha muito tempo estou aqui a palestrar. Apesar de tudo, Ernesto é uma visita. Ficam sós e em plena liberdade para fallarem mal do mundo e dos officiaes de marinha sobretudo.

LAURA.

Então não queres saber o segredo?

JORGE.

Não, porque já sei.

LAURA.

E qual é?

JORGE.

Sinto dizel-o, mas tu não gostas de Ernesto.

LAURA.

Eu nunca disse isso.

JORGE.

Não o dizes, mas sentes. Formas delle um máo juizo.

LAURA.

Nunca, meu irmão, elle é seu amigo.

JORGE.

Nesse caso tens antipathia por elle.

LAURA.

Tambem não, Jorge.

JORGE.

Pois então não sei a que vinham as tuas perguntas.

LAURA.

Eu queria saber; os homens variam tanto!... Não podia acontecer por acaso que você tivesse hoje razão para desadorar o que adorava hontem?

JORGE.

Pois bem; isso não se dá com Ernesto; fique-o sabendo, e uma vez que a conferencia está acabada, digo-lhes adeos.

LAURA.

Mano Jorge, não seja indiscreto.

JORGE.

Fica tranquilla. (Retirando-se, diz a meia voz.) Ella o ama!

SCENA III

LAURA, AMELIA.

AMELIA.

Laura, estamos sós e tenho uma queixa que fazer-te.

LAURA.

Por que?

AMELIA.

Tu não disseste ha pouco que eramos irmãs, que entre nós não haviam segredos?

LAURA.

Disse-o.

AMELIA.

Pois bem, nós não somos irmãs...

LAURA.

Que dizes Amelia?

AMELIA.

Entre nós, ou antes, de ti para mim existe um segredo.

LAURA.

Cala-te Amelia. Já sei ao que te referes. Tens e não tens razão.

AMELIA.

Meu coração para ti não é um livro aberto; não tens lido até hoje todas as paginas da minha vida?

LAURA.

E' verdade, minha irmã, mas no livro do meu coração, tu o sabes, eu não tinha até hoje paginas escriptas.

AMELIA.

Sim, mas occultaste a primeira que se escreveu.

LAURA.

Foi por que tu não podias lê-la, por que eu mesma não comprehendia os caracteres indecifráveis que encontrei por primeira vez. Tenho soffrido muito, minha irmã, e um presentimento me diz que mais ainda me resta a soffrer.

AMELIA.

Pobre Laura. Tu amas.

LAURA.

Não o digas alto Amelia, por que eu tenho vergonha de ti mesma. Ha quatro mezes, minha irmã, eu vivia tranquilla e serena. Achava encantadora e suave tua terna sollicitude por meu irmão. Minh'alma adivinhava a tua

e eu me lisongeava de teu affecto por elle. Mas eu não sabia ainda o que era amor.

AMELIA.

E agora o sabes, não ?

LAURA.

Eu nada sei, Amelia, mas eu sinto muito. Agitam-me hoje sonhos que nunca sonhei, pulsações que nunca senti e por todo o meu ser percorre uma febre estranha que ora me enleva, ora me abate. Posso dizer que não fui culpada. Eu não abri o coração a essas emoções, nem os olhos a esses encantos. Não luctei, mas fui vencida. Eu tinha a alma formada para amar tudo o que era bom e elle o era, todos o proclamam e os meus mais que ninguem. Já vês : guarda porém segredo, que eu tratarei de disfarçar no rosto as inquietações que me affligem

SCENA IV

AS MESMAS E CLEMENCIA.

CLEMENCIA.

Meninas, isto não se faz.

LAURA.

O que minha mãe?

CLEMENCIA.

Abandonar-nos para virem sós conversar.

AMELIA.

Nós já voltavamos.

LAURA.

E eu estava um pouco encommoada, minha mãe.

CLEMENCIA (com sollicitude).

O que tiveste, minha filha ?

LAURA.

Oh ! nada, já passou : uma ligeira indisposição.

CLEMENCIA.

Pois retira-te que o sereno não te fará bem. Se teu pai estiver só, dize-lhe que o espero aqui. Preciso falar-lhe. (Sahe).

SCENA V

CLEMENCIA só.

Pobre filha ! Debalde occultas os sentimentos novos que te agitam a alma. Eu sei que soffres, eu adivinho os teus pezares por que sou mãe, por que já fui mulher ! (pausa.) Deos é mais misericordioso do que os homens julgam. Não é verdade que elle engeite os peccadores se faz descer ao tecto dos arrependidos a sombra de um anjo protector.

SCENA VI

CLEMENCIA E PEDRO.

PEDRO.

Querias fallar-me, Clemencia ?

CLEMENCIA.

Sim, meu amigo, e em um assumpto bem grave.

PEDRO.

Assumpto grave ! Que póde ser ? Trata-se de ti ?

CLEMENCIA.

Não exclusivamente.

PEDRO.

De nossos filhos ?

CLEMENCIA.

De um delles.

PEDRO.

Ah ! alguma nova extravagancia de Jorge. Estes rapazes ! Fazem das mães a sua bandeira e á sombra della tor-
nam-se piratas. Então o que ha ?

CLEMENCIA.

Não é de Jorge que se trata.

PEDRO.

Então é de Laura ?

CLEMENCIA.

Sim. Nunca pensaste em seu futuro ?

PEDRO.

Oh ! penso todos os dias e todas as noites ! Para os paes, os filhos são uma preocupação constante. Não ha tregoa para o espirito. Um filho, ainda, ainda ! Mas uma filha ! E' um dom celeste, mas caro. Que queres pois dizer ?

CLEMENCIA.

Tenho pensado, meu amigo ; lembro-me que de um dia para outro podemos faltar-lhe, e que ella ficará orphã, isolada neste mundo, tendo apenas seu irmão que, além de tudo, tem uma profissão impropria para amparar uma moça solteira.

PEDRO.

E' verdade. O rapaz teimou, eu não quiz torcer-lhe a vocação : nasceu para o mar, viva no mar. E' o seu dever e a sua gloria. Officiaes de marinha não se formam em terra.

CLEMENCIA.

E não tens cogitado alguma cousa neste sentido ?

PEDRO.

Tenho, oh ! se tenho. O futuro das mulheres, Clemencia, é o casamento. Se uma moça tem a fortuna de encontrar um bom marido, está feliz. Pobres que sejam,

mas que se amem ! O amor não é esse sentimento extravagante em que os libertinos e os levianos modernos transformaram essa lei sublime da natureza. Elle deve ser a base do matrimonio, o elo insolúvel da familia que se perpetúa nas gerações. Deos não deu ao homem sentimentos inuteis. Todas as paixões humanas fecundam-se pela virtude. E este é o embaraço, minha Clemencia !

CLEMENCIA.

Tens razão, Pedro. Mas para esse sentimento de que fallas abrem-se no coração das donzellas caminhos imperceptiveis. O habito da sociedade traz consigo a sympathia, a convivencia desperta a amizade e desta muitas vezes nasce o amor !

PEDRO.

Tambem é exacto.

CLEMENCIA.

Por isso quiz fallar-te hoje, e para não disfarçar meu intento devo dizer-te que descobri, que descubro todos os dias uma reciproca inclinação que, ou deve ser alentada, ou interrompida já.

PEDRO.

Que ! O coração de Laura já está perturbado ?

CLEMENCIA.

Eu o creio.

PEDRO.

E por quem ? dize, dize depressa.

CLEMENCIA.

Por... Ernesto.

PEDRO.

Ah ! respiro ! Tiraste-me um peso de cima do coração. Eu tinha receio de que a infantilidade do seu espirito lhe não deixasse comprehender toda a elevação d'aquelle caracter. Clemencia, o que pensas de Ernesto ?

CLEMENCIA.

Penso meu amigo que é uma alma ennobrecida por todas as virtudes e um grande coração.

PEDRO.

E que faria a felicidade de nossa filha se fosse seu esposo, não é assim ?

CLEMENCIA.

Nesse caso é com prazer que acaricias esta idéa ?

PEDRO.

Mais do que isso, Clemencia, é com fervorosa humildade ante essa graça celeste.

CLEMENCIA (abraçando-o).

Oh ! meu amigo ; sou duas vezes feliz com essa certeza, por mim e por ella pobresinha que já o ama.

PEDRO.

Mas... cumpre-me reflectir. Será ella amada?

CLEMENCIA.

Esperemos, que Deos ha de abençoar o zelo dos paes pela candura da filha.

PEDRO.

Seria uma ventura, Clemencia, mais do que um premio á minha honrada velhice. Ha seis mezes que este sonho me acompanha. Se o vejo realizado levarei em boa conta todas as desgraças que me possam ferir.

SCENA VII

Os mesmos, JORGE E ERNESTO.

JORGE.

Ah! encontro-os finalmente. Um abraço minha mãe! Um abraço meu pae! Eu sou! nós somos muito felizes!

ERNESTO.

Jorge. Eu sou antes de tudo um homem de bem. Não gosto de surpresas, nem as do coração. Tu és cego porque és parcial. Quero consultar por mim mesmo.

PEDRO.

Mas de que se trata? Porque esta formalidade?

ERNESTO.

Senhor; eu atrevo-me... Venho brusca mas solememente pedir-lhe a mão de sua filha.

PEDRO.

Clemencia, o que dizes?

CLEMENCIA.

Ernesto, eu já te amava como filho; abraça-me por que queres que eu seja tua mãe.

JORGE.

Bravo! eu não te dizia, Ernesto.

PEDRO.

Ernesto; sou pae: fórmoo de ti o melhor conceito que se póde fazer de um homem; achei em tua alma qualidades raras. Mas eu não disponho da mão de minha filha como de uma propriedade. Esse assumpto pertence-lhe porque seu coração é livre. Jorge chama tua irmã.

JORGE.

Não é preciso; ella ahi chega; ah! que dia minha mãe, que natalicio bem festejado.

SCENA VIII

Os mesmos, LAURA E AMELIA.

PEDRO.

Laura, aproxima-te minha filha. Tratamos de uma causa que só tu podes decidir. Ernesto, que tu conheces, o amigo de toda a tua familia, pede-te em casamento. Queres?

LAURA.

Ah! (dá um grito e cahe desmaiada. Cercam-na todos).

CLEMENCIA.

E' que, para nós as mulheres, Ernesto, a propria felicidade suprema é ainda uma dôr sublime que nos esmaga.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Sala em casa de Pedro Gomes.

SCENA I

JORGE E LAURA.

LAURA.

Não ha felicidade completa neste mundo, Jorge.

JORGE.

Não ha, Laura; mas porque te lembras disso agora?

LAURA.

Porque apesar de toda a minha ventura, sinto-me infeliz neste momento.

JORGE.

Porque, meu anjo? Não te vás tu ligar a uma bella

alma, a um nobre coração que hade entender o teu, a um homem finalmente, que te hade fazer feliz?

LAURA.

Mas sempre é uma separação. Eu hei de ter saudades de meus paes, de ti, desta casa, de todos estes objectos que symbolisam a minha infancia, a minha vida.

JORGE.

Hade custar a principio, depois habituar-te-has e as recordações do passado avivadas pela felicidade presente em vez de te fazerem soffrer, far-te-hão sorrir á ventura de teu estado.

LAURA.

Deos queira que assim seja.

JORGE.

Mas infeliz fico eu, Laura, e não me queixo porque eu abençoaria a mão que me pungisse, mas que te acariciasse. Eu sou quem fica isolado; e condemnado a viver sempre longe de tudo o que me é caro, sem familia e sem tecto, exposto ao mar e ao tempo.

LAURA.

E porque tambem você não se hade casar? Agora, sua palavra de honra está desempenhada. Quem sabe até se Deos para te fazer feliz desenlaçou em mim o embaraço que te prendia.

JORGE.

Não creio. Elle premiou-te porque o merecias. Além de que, tu és amada e eu não.

LAURA.

Quem sabe?

JORGE.

Sei eu.

LAURA.

E se estiveres enganado.

JORGE.

Quem me hade desenganar?

LAURA.

Eu.

JORGE.

Tu?

LAURA.

Eu mesma; duvidas?

JORGE.

E de que modo?

LAURA.

Assegurando-te que és amado muito e ha muito tempo.

JORGE.

Pois isso para mim é novo.

LAURA.

Nem tanto como queres fazer crêr.

JORGE.

Isso agora é mais serio; então estou mentindo?

LAURA.

Não; mas [estás disfarçando. E eu agora quero tirar uma pequena desforra. Não só és amado como também amas.

JORGE.

Nem tanto, minha senhora, agora affirmo eu.

LAURA.

E' inutil a dissimulação. Eu sei que tu amas Amelia e que és amado por ella. Que ventura seria para mim, meu irmão, ver-te ligado a uma amiga a quem já quero tanto!

JORGE.

Pensas então que seria um bom casamento?

LAURA.

Nem comprehendo melhor.

JORGE.

E tens procuração della para me assegurares o seu amor?

LAURA.

Tenho sem que ella m'a desse.

JORGE.

Pois queres saber uma cousa? Está-me parecendo que tu tens razão. Mas meu pae e minha mãe approvarão esse passo?

LAURA.

Indaga para saberes. Olha, ahi vem mamãe, falla-lhe.

SCENA II

OS MESMOS, E CLEMENCIA.

LAURA.

Chegou a tempo, mamãe.

CLEMENCIA.

Porque?

JORGE.

Porque ella queria retirar-se e estava com pena de me deixar só. Não é?

LAURA.

Ah! é isso? Está bem, retiro-me. Mandou buscar Amelia, mamãe?

CLEMENCIA.

Pedi a teu pae que a trouxesse quando voltasse.

SCENA III

CLEMENCIA, E JORGE.

CLEMENCIA.

Ernesto não prometteu vir hoje?

JORGE.

Prometteu, minha mãe, mas elle que se demora alguma razão tem para isso.

CLEMENCIA.

Nem penso o contrario; não é verdade que elle ama muito a tua irmã?

JORGE.

Se a ama? Tanto como nós.

CLEMENCIA.

Como nós! Mesmo como eu?

JORGE.

Pois não vai ser seu marido, não é já seu noivo?

CLEMENCIA.

E tu pensas meu filho que haja amor neste mundo comparavel ao de uma mãe por seus filhos?

JORGE.

Não digo isso minha mãe; mas quiz dizer que Ernesto idolatrava a Laura.

CLEMENCIA.

Estou segura de que a ha de fazer feliz. Vai Laura repartir seu coração, Jorge, fica-me apenas restando o teu.

JORGE.

E o de meu pae.

CLEMENCIA.

E o de teu pae. Mas dentro de pouco tu tambem me deixarás e eu ficarei só, só, mas revendo-me na felicidade de ambos.

JORGE.

Porque o suppõe minha mãe?

CLEMENCIA.

Porque tu tambem te casarás... e deves casar. Hade chegar-te a idade da reflexão, o amor á tranquillidade domestica, o desejo de permanecer mais tempo junto ao coração dos que te amam.

JORGE.

Então, minha mãe, julga que devo casar-me?

CLEMENCIA.

Julgo. Não se póde, nem se deve ser solteiro toda a vida, meu filho. Ha épocas para tudo.

JORGE.

E minha mãe approvaria esse passo? Julgar-se-hia feliz com isso?

CLEMENCIA.

De certo que sim. Que outra recompensa melhor póde a Providencia dar ás mães do que a fortuna de ver o seu nome e o seu sangue perpetuado nos filhos de seus filhos? Mas escolhe bem, meu filho, lembra-te que o casamento é um laço indissolúvel, que tem deveres pezados e exigencias implacaveis.

JORGE.

Procederei ainda melhor, minha mãe, deixo-lhe a escolha da noiva.

CLEMENCIA.

Tambem não póde nem deve ser assim. O coração é o unico que elege.

JORGE.

E se eu amasse já, o que diria?

CLEMENCIA.

Perguntar-te-hia a quem?

JORGE.

Vamos por experiencias: se eu amasse a Amelia?

CLEMENCIA.

Dir-te-hia que teu coração tinha acertado. Amelia

é uma menina virtuosa, docil e além disso, póde-se dizer que foi creada comnosco.

JORGE.

Pois minha mãe; era esse um segredo que eu tinha para communicar-lhe. Sinto-me já enfastiado desta existencia inquieta e atribulada. Preciso repousar. Approva então que eu falle nisso a meu pae?

CLEMENCIA.

Porque não?

JORGE.

E se elle desapprovar?

CLEMENCIA.

Não tem razão para isso. Amelia é pobre, mas tu és moço. Tens uma profissão distincta e podes trabalhar.

SCENA IV

OS MESMOS PEDRO, AMELIA E ERNESTO.

PEDRO. (fóra)

Vão entrando.

AMELIA.

Bom dia, minha mãe: adeus Sr. Jorge. Laura está em seu quarto?

CLEMENCIA.

Está ; vamos vê-la.

AMELIA.

Então essa ingrata não quiz ir buscar-me ?

CLEMENCIA.

Ella se desculpará para contigo. (Sahem as duas).

SCENA V

PEDRO, ERNESTO, E JORGE.

PEDRO.

Toma lá Jorge ; encontrando-me com um amigo do arsenal deu-me elle um officio para entregar-te.

JORGE.

Peior é o caso : este papel de hollanda tem um cheiro official tão pronunciado que causa syncope.

ERNESTO.

Já deves estar habituado a esse perfume de secretaria.

JORGE (Depois de lêr.)

Era o que me faltava. Pois estão bem aviados. Desta vez não me pilham.

PEDRO.

O que é ?

JORGE.

Ora, o que ha de ser ; ordem de estar prompto á primeira ordem para partir para o Norte.

ERNESTO.

E' mais um passeio para te recreares.

JORGE.

Não duvido, mas desta vez não estou disposto a divertir-me.

PEDRO.

E que remedio tens tu ? Eu bem te dizia....

JORGE.

Que remedio ! Dou parte de doente ; vou para o hospital, para o inferno se quizerem, comtanto que não parta.

ERNESTO.

O plano é excellente.

PEDRO.

Essa é boa : has de partir porque é esse o teu dever. O homem deve de ser escravo das suas obrigações, e o militar mais que ninguém.

JORGE.

Pois nesse caso peço reforma ; peço demissão. Mas decididamente tomei horror á agoa salgada.

PEDRO.

Estás doudo, Jorge? Desde quando meu filho adquirio o direito de deshonrar o nome de seu pae? Essas reflexões, essa repugnancia eram para ser consideradas antes de vestires a farda. Do dia em que a vestiste, e salva a tua dignidade pessoal, não te pertences mais, pertences á lei, ao serviço do Estado que te paga.

ERNESTO.

Tem toda a razão. Jorge está gracejando.

JORGE.

Não ha tal estou fallando muito serio. Tenho actualmente muito que fazer em terra. E se meu pae consente que eu lhe falle com toda a franqueza confio-lhe um segredo.

PEDRO.

Qual é?

JORGE.

Estou com desejos de emprehender uma navegação mais ardua.

ERNESTO.

Uma viagem ao polo? Lembra-te do destino de Franklin.

JORGE.

Nada. Estou com vontade de embarcar-me no casa-

mento. E' um navio que aguenta seus temporaes, mas um bom marinheiro capêa sempre com vantagem.

ERNESTO.

Bella idéa.

PEDRO.

Estás hoje em veia de gracejador?

JORGE.

Perdão, meu pae; mas fallo-lhe com sinceridade. E é diante de Ernesto que quero consultal-o. Estou apaixonado e desejo casar-me. Meu pae pedirá a noiva.

PEDRO.

Eu? pedir uma noiva para ti? Ir concorrer para a desgraça de alguma pobre menina? Nada; tens ainda muito pouco juizo para te cazares.

JORGE.

Desse modo meu pae nega-se a fazer a felicidade de seu filho.

ERNESTO.

Não foi isso o que elle quiz dizer.

PEDRO.

Rapaz; estás fallando seriamente?

JORGE.

Sem duvida alguma.

PEDRO.

E occultavas então um sentimento dessa ordem, que vem tocar tão de perto o interesse e a tranquilidade de tua família! E já consultaste bem teu coração? Sabes tu se esse amor é um capricho de vinte annos, uma phantasia arriscada?

ERNESTO.

Ha de ter consultado. Sob a apparencia de uma leviandade habitual, Jorge é um homem sisudo. Eu res-
pondo por elle.

PEDRO.

Bem; se eu conhecer a noiva, decido-me já. Mas se é algum namoro de rapazola alimentado pela vadiação de official desembarcado, declaro que não acceito consulta sobre o caso. Os officiaes de marinha como tu são sugeitos a essas molestias; mas esses amores passam como o tempo, como as constipações. Não necessitam de curativo.

JORGE.

Nesse caso meu pae pôde decidir já. A noiva de minha escolha é Amelia, a filha de seu amigo.

PEDRO.

Pobre menina? Era digna de melhor sorte. Então queres definitivamente que eu a peça a seu pae?

JORGE.

Sé merecer sua approvação,...

PEDRO.

E eu não posso dizer-lhe que isto é uma loucura rematada. Emfim, cumpra-se o teu destino. Reflecte bem no que vás fazer: porém nada disso impede que obedecas ás ordens que recebeste.

JORGE.

Partirei pois.

PEDRO.

Vae chamar tua mãe a quem deves communicar tua nova resolução.

JORGE.

Já lhe fallei.

PEDRO.

E ella approvou logo, não? Está visto.

SCENA VI

OS MESMOS E CLEMENCIA.

PEDRO.

Então já sabes que tambem o nosso Jorge nos quer deixar?

CLEMENCIA.

E para onde vai?

PEDRO.

Quer casar-se o desalmado.

CLEMENCIA.

Ah! já m'ó tinha dito.

PEDRO.

Vamos: que deves ir apresentar-te ao ministro. (Saem).

SCENA VII

CLEMENCIA E ERNESTO.

CLEMENCIA.

O que pensa da resolução de Jorge, Ernesto?

ERNESTO.

Penso que faz bem, minha mãe. O casamento não é só uma necessidade social, uma lei christã; é uma necessidade da natureza, uma lei eterna e absoluta. Se não houvesse o amor da familia o que seria a sociedade? Uma reunião sem fim, uma congregação sem indole.

CLEMENCIA.

Fallas assim porque foi esse o impulso que te levou ao casamento?

ERNESTO.

Oh! eu tinha mais um motivo! E aproveitarei este

ensejo para abrir-lhe melhor meu coração e confiar-lhe o segredo de uma existencia que hoje lhe pertence, porque pertence a Laura.

CLEMENCIA.

Perdão, Ernesto; os homens como tu não tem passado nem precisam desvendar os mysterios de sua origem. Em nome de minha filha recuzo essa confissão.

ERNESTO.

Nem no della nem no seu nome pôde recusal-a. E' um dever para mim e eu sei cumprir os meus deveres. Além de que, revelo-lhe esta fraqueza, tenho uma satisfação intima, uma especie de vaidade em recordar-me do meu passado. E cada vez que meço o abysmo donde surgi mais me exalta e me contenta a elevação a que cheguei.

CLEMENCIA.

Nesse caso falla, que eu te ouvirei.

ERNESTO.

Sabe que eu não tive pae nem mãe!

CLEMENCIA.

Sei; e já chorei muitas vezes sobre o infortunio do teu abandono.

ERNESTO.

Eu tambem tenho chorado muito sobre esse terrivel mysterio que me acabrunha, mas quanto mais

choro, mais o véo das lagrimas me intercepta a luz dessa certeza almejada. Eu não sei se sou filho de um crime ou de uma desgraça.

CLEMENCIA.

Mas porque evocas agora estas recordações? Ellas te affligem, e a mim compungem-me.

ERNESTO.

Porque ellas fazem-me bem fazendo mal. Longe de me irritarem, suavizam-me. A desgraça não azeda senão aos corações mal formados. Outro qualquer em meu caso teria ficado descrente. Eu fiz-me religioso pelo soffrimento. Em torno de minha existencia, no dia em que me consultei, só divisei a obscuridade, a incerteza, a duvida e em todo o caso a deshonra. Apparecia no mundo desherdado de meus naturaes protectores. Habituei-me a chamar de pai, de mãe a dous entes que eu sabia serem apenas dous corações caritativos. Confrontei a minha desgraça com a minha vergonha; a minha miseria com a minha orphandade, e achei a vergonha mais pesada, a orphandade mais triste ainda do que a miseria.

CLEMENCIA. (brandamente).

Ernesto!

ERNESTO.

Ao homem nascido nestas condições, a marcha da vida é um caminhar sobre laminas ardentes. Desde a

escola que comecei a soffrer. Era a primeira sociedade que me recebia e a curiosidade dessas consciencias infantis sobre a minha condição e a minha familia começou a revelar-me o que eu teria de soffrer quando pentrasse no grande mundo das curiosidades pervertidas. Os meus companheiros de aula e de folgedos tinham a cruel indiscrição de perguntar-me a cada passo: onde está teu pai? onde está tua mãe? e eu não tinha o que responder-lhes. Chorava e envergonhava-me; porque eu mesmo não sabia delles.

CLEMENCIA.

Basta, meu filho, basta.

ERNESTO.

Não bastou. As lagrimas não remiram o meu peccado original. No dia em que tive de assignar a minha primeira inscripção academica, perguntaram pelo meu nome. Eu não conhecia senão o meu nome baptismal. Receio ou descuido, os protectores que me haviam dado o sustento e a educação, haviam-se esquecido de me darem o seu nome de familia. E elles tinham razão porque eu não era seu filho. Adoptei então o primeiro sobrenome que me veio á lembrança.

CLEMENCIA.

E o que te importa isso hoje que vieste achar em nós a familia que te faltava?

ERNESTO.

Adoptei o estudo como o meu braço de nobreza;

busquei o trabalho, como a fonte das unicas fortunas que não desdouram, e depois que me fiz homem, a sociedade esqueceu-se do que eu podia ter sido para sô se lembrar do que eu era. Mas todas essas conquistas não me bastavam. Eu tinha um outro ideal que buscava — minha mãe, minha mãe sobre tudo. E como nunca a encontrei vestio-se-me a alma de lucto e o rosto de tristeza. Eu era infeliz.

CLEMENCIA.

Mas não o serás mais

ERNESTO.

E' impossivel. Atravez de todos os rumores da vida ha sempre uma voz intima que me diz — tu debes ter uma mãe. A propria natureza, tudo o que me cerca, confirma esta crença. Onde quer que se revela uma vida encontra-se-lhe ao lado a origem do seu typo. Cheguei a crer que eu era um monstro por que não pude jámais crer que houvesse no mundo mãe que abandonasse um filho.

CLEMENCIA.

Ernesto! Esta confidencia não pôde continuar. A tua narração maltrata-me, meu filho; e eu tenho soffrido tanto, que ao fim da vida ao menos preciso illudir-me com a felicidade.

ERNESTO

Eu sei que isto a hade affligir, mas já que me chama filho deixe que eu vaze em seu coração as tristezas que

me transbordam d'alma. Já vê que nasci em máo signo. Isolado no mundo, tudo me parecia estranho. E por um impulso natural, a cada mulher de certa idade que eu encontrava, tinha desejo de perguntar-lhe: a senhora será minha mãe? Então o sentimento da dignidade elevava-me a frente e eu tinha forças para tudo, para tudo, menos deixar de amar o ideal que me affligia.

CLEMENCIA.

Nobre coração que tu és: por que não tens tambem para ella a misericórdia do teu esquecimento?

ERNESTO.

Nunca! Fora uma ingratidão apezar de tudo. Quem me assegura que ella peccou? Quem pôde dizer-me se ella ainda vive? Illusão! Ella morreu sem duvida sorprendida por alguma desgraça. Se ella vivesse, ella procuraria seu filho. Porque se Deos permittio, por um castigo, que houvesse no mundo filhos sem pais, em compensação ligou por tal fórma a existencia dos filhos ás mães que, a despeito da ausencia e da distancia, o laço moral do amor materno vincula-os mais ainda do que o laço physico que o cirurgião corta. Oh! é impossivel!

CLEMENCIA.

E não tens della nem uma reliquia?

ERNESTO.

Nada!

CLEMENCIA

Ah!

ERNESTO.

Conservo apenas, dado pelos meus protectores, um papel contendo a data do dia, do anno, a hora em que me acharam e a rua em que moravam antes de terem partido para a França levando-me comsigo. Esse papel é o unico laço que me prende ao passado; guarde-o e entregue-o a Laura como a mais valiosa prova do meu amor.

CLEMENCIA.

(percorre rapidamente o papel, dá um grito e fica estatica).

ERNESTO.

Meu Deos!

CLEMENCIA, (com anciedade.)

Ernesto; essa familia era franceza?

ERNESTO.

Era.

CLEMENCIA.

E tu amas ainda muito tua mãe?

ERNESTO.

Porque m'o pergunta?

CLEMENCIA.

Porque eu conheci... porque eu conheço tua mãe, Ernesto!...

ERNESTO.

Ah! ella é viva. Oh! deixe-me beijar-lhe as mãos. Em nome de Deos diga-me... (apparece Pedro na porta).

SCENA VIII

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO.

Ora aqui estou finalmente. Então Ernesto.... oh! estás agitado.

ERNESTO.

Exaltei-me um pouco na recordação de certos factos da minha vida.

PEDRO.

Clemencia! Tu tambem choraste! De que tratavam então? O que ha de novo, alguma desgraça?

CLEMENCIA.

Nada. Sabes que sou nervosa e que as commoções abatem-me. Jorge não veio?

PEDRO.

Demora-se um pouco. A proposito, Ernesto, é necessario apresarmos o teu casamento.

CLEMENCIA, (agitada).

Não é possivel meu amigo; Laura não está preparada... falta-lhe tudo.

PEDRO.

Como! pois o enxoval já não está prompto?

ERNESTO.

Mas infelizmente, preciso ainda de mais algum tempo.

CLEMENCIA.

Ernesto, tu me desculpas: sinto-me encommodada, preciso repousar um pouco. A narração de tua vida compungio-me.

ERNESTO.

Então, digo-lhe adeos; porque eu tambem me retiro.

PEDRO.

Pois não me disse que ficava a jantar?

ERNESTO.

Tenho que ver um doente, a esta hora.

PEDRO.

Bem. (Despedem-se e sahem).

SCENA IX

PEDRO, (só).

Ah! sinto alguma cousa que não sei definir. (Pondo a mão sobre o coração). Não é o meu coração que está perturbado: é a minha honra que não está tranquilla.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO

A mesma decoração do acto antecedente.

SCENA I

PEDRO E JORGE.

PEDRO.

Jorje; tu queres casar, meu filho e és ainda muito moço. Eu já sou casado ha muitos annos e sou velho. Mais do que tudo isso, sou teu pae, tenho o direito, o dever de aconsellar-te.

JORGE.

E eu o ouço, meu pae.

PEDRO.

Como sempre te disse, digo-te hoje; escolhe, meu filho, escolhe muito os teus amigos. Não acompanhes essa leviana condescendencia social que leva o homem a tratar de amigo, ao primeiro individuo que lhe

apresentam. As relações urbanas são uteis e apreciáveis, mas dellas á amizade, vai um abysmo.

JORGE.

Nesse ponto, meu pae, não terei de esforçar-me muito.

PEDRO.

Amelia é uma boa menina; o que não quer dizer que seja logo de principio uma boa esposa. Se ella te ama, será amante nos primeiros tempos, mas depois, ha um outro sentimento que substitue, entre os esposos a paixão dos amantes, esse sentimento é sem duvida menos entusiasta, menos feroso, porém tão sancto e tão forte como aquelle — a amizade respeitosa e sollicita, o carinho menos voluptuoso porém mais puro. Educa tua mulher; lembra-te que ella póde ser mãe.

JORGE.

Tenho para mim, meu pae, que o amor sincero é o grande educador das mulheres.

PEDRO.

Nem sempre, meu filho. O amor é a mais vehemente e a mais absoluta das paixões; por isso mesmo a mais facil de transviar-se pelos excessos. No casamento ella tende a moderar seus impulsos, a methodizar suas manifestações. E se a intelligencia e a virtude de ambos não concorrem em equilibrio harmonico, ai da união! porque a frieza ou a indifferença succederão ao amor.

JORGE.

Ha meios de evita-lo, meu pae.

PEDRO.

Ha: por isso Deos deu ao homem mais firmeza de razão e menos sensibilidade, para que resista melhor ás impressões que dominam. A mulher tem uma missão divina. Deos beneficiou-a largamente para que ella pudesse ser a base da familia e da sociedade humana. Mas por isso mesmo que a ornou de tantos dotes, que ennobreceu-a de virtudes raras e de sentimentos exaltados, quiz tambem que os seus erros e os seus peccados avultassem de consequencias na proporção dos seus altos deveres. Ella é sem duvida a origem da felicidade terrestre, a guarda fiel da honra da familia, mas, na perversidade do coração, uma vez decahida, torna-se o anjo máo da sociedade e o flagello das consciencias puras.

JORGE

Tem razão, meu pae, é a religião que falla por seus labios.

PEDRO.

E'; porque a religião que as faz mães de familias é a unica pura e verdadeira. Deos não podia inspirar aos homens uma religião que adoptasse como preceito a abjecção de creaturas suas. Mas nem todos os homens são religiosos: ha tambem assassinos na ordem moral. E tu sabes, meu filho, neste mundo, ha

só uma força invencível, um titulo inmorredouro, uma nobreza que póde e deve ser hereditaria — a honra.

JORGE.

Eu aprendi com meu pai a comprehende-la assim.

PEDRO.

Pois bem; por ser tudo isso ella tem o predicado do arminho — morre se sente manchada! E isso é tão facil, meu filho! Das mais pequenas cousas surgem ás vezes as mais graves consequencias. Ha no lar domestico, como na superficie dos lagos, brizas passageiras que encrespam a serena superficie das aguas. E' dessas crizes que podem nascer os perigos. A tempestade não se revela muitas vezes, mas o naufragio é possível em todas as condições de tempo.

JORGE.

E meu pai receia por seu filho.

PEDRO.

Eu não receio se não por mim. A felicidade dos filhos é a vida dos pais.

JORGE.

Isto quer dizer que cumpre a sua promessa.

PEDRO.

Sim; cumprirei. Tomo sobre meus hombros uma responsabilidade tremenda, cujo peso só tu pódes alliviar.

JORGE.

Deos lhe restitua em annos de ventura as horas de regosijo que me prepara. (Sahe.)

SCENA II

JORGE, LAURA E AMELIA.

LAURA.

Meu pai já sahio, Jorge?

JORGE.

Neste instante. E sabe o que elle foi fazer Amelia?

AMELIA.

Não.

JORGE.

Foi pedi-la para minha esposa.

AMELIA (confusa.)

Ah!

LAURA.

Isto quer dizer Amelia, que eu sou duplamente feliz.

AMELIA.

Minha irmã!

JORGE.

Sim; mas devo previni-la de algumas circumstan-

cias. Primeiramente não será já o nosso casamento; depois tenho um compromisso para com Laura.

AMELIA.

Qual!

JORGE.

Não me casar antes della. Já vê que, o nosso destino depende della.

LAURA.

Felizmente não sou mais um embaraço. Eu já o tenho dito; Deos me faz feliz para poder felicitar a vocês.

AMELIA.

Não; porque tu mereces mais.

LAURA.

Porém, mano Jorge, estou muito triste. Nossa mãe está soffrendo tanto, coitada! Esta separação subita dos dous filhos que eram a sua ventura, vai fazer-lhe mal. Ella já tem chorado tanto! Hoje todo o dia, não sahio de seu quarto. Procuro-a, consolo-a, mas de cada vez chora mais.

JORGE.

E' esse o preço das felicidades do mundo, minha irmã!

LAURA.

E Ernesto, o que é feito delle? Estará tão occupado que não tenha um momento para dedicar a sua noiva?

JORGE.

Não sei; contra seu costume, sahio hoje mais cedo. Procurei-o de manhã debalde. Mas como agora preciso sahir passarei por sua casa. Vão vocês ambas para junto de nossa mãe; que eu volto em breve.

LAURA.

Vê se o descobres, dize-lhe que isto, pelo menos, é indiferença.

AMELIA.

Não é possível.

SCENA III

AS MESMAS, E CLEMENCIA.

LAURA.

Minha mãe.

CLEMENCIA.

Minha filha.

LAURA.

Se eu soubesse que só podia alcançar a felicidade a preço das suas lagrimas, eu a teria rejeitado.

CLEMENCIA.

Laura. Eu devia reprehender-te agora. Pois tu crês, minha filha, que a tua felicidade me entristece? Eu

não choro por ti, choro por mim... por mim que vou perder-te.

AMBAS.

Minha mãe!

CLEMENCIA.

Basta; este é o tributo das mães; mais tarde ambas compreenderão estas dôres.

SCENA IV

CLEMENCIA (só.)

Ah! sinto-me desfallecer! Tantas commoções a um tempo abatem-me as forças! Uma chamma intensa me devora! O remorso e a angustia dilaceram-me o coração! Ve-lo e não poder abraça-lo e não poder dizer-lhe — Tu és meu filho, eu sou tua mãe! Oh! elle não me acreditaria e com razão! « *Eu nunca pude crer que houvesse mãe que abandonasse seu filho!* » Estas palavras suas doem-me ainda no ouvido! E eu não terei animo para supportar a exprobração de sua dôr! Assassinei-o duas vezes, pelo abandono e pela vergonha! Oh! Deos pune nos filhos o crime das mães. (Fica pensativa a chorar sobre a mesa. Pedro cauteloso mas ao mesmo tempo agitadamente fecha as janellas e as portas, sem ser presentido. Quando fecha a ultima dá com ella uma forte pancada. Clemencia sobressalta-se e dá um grito.)

SCENA V

PEDRO E CLEMENCIA.

PEDRO.

Sobressaltou-se?

CLEMENCIA.

Sim.

PEDRO.

E' natural.

CLEMENCIA.

Mas que significa esta solemnidade? o tom da tua voz gela-me.

PEDRO.

Significa que as nossas consciencias não estão tranquillias.

CLEMENCIA.

Porque? A minha o está.

PEDRO.

Talvez! A traição costuma tambem affectar serenidade.

CLEMENCIA.

Pedro! Tu não estás em ti! O que tens?

PEDRO.

Pergunte-me antes o que não tenho. Esta morada

que já foi o lar da ventura e da tranquilidade, está transtornada. Cerca-me a sombra de um mysterio — e nessa sombra occulta-se a traição. A senhora é a unica que póde fazer a luz sobre essa treva. Responda-me. Quem primeiramente se lembrou do casamento de Laura com esse moço ?

CLEMENCIA.

Eu.

PEDRO.

Muito bem. Quem mais o desejou e o promoveu do que a senhora ?

CLEMENCIA.

Ninguém.

PEDRO.

E porque motivo se oppõe hoje a esse enlace ? (breve pausa) Não responde ? (outra pausa) Esse projecto de casamento seria acaso um artificio para velar-me os olhos com a illusão de uma felicidade que eu almejava ? E acaso o pretendido noivo da filha seria o amante reconhecido da....

CLEMENCIA (Tapando-lhe a boca com a mão)

Ah ! Não blasfemes. Tu deliras, Pedro !

PEDRO.

Deliro ! A honra é a luz das almas bem formadas. Quando essa luz se apaga, o espirito se entenebrece.

E eu julgo-me deshonrado. Vamos, senhora, é necessario pôr termo a esta angustia que me mata. A duvida que me opprime o coração esmaga-me. (chora) Nem se illuda com estas lagrimas ! Se choro como uma criança, saberei vingar-me como um homem. (segurando-a pelos pulsos)

CLEMENCIA.

Ah ! tu me quebras os pulsos ! Tu me fazes soffrer !

PEDRO.

E acaso eu não soffro tambem ! Diga-me. Eu vi esse moço a seus pés ; beijar-lhe as mãos em delirio. E a minha presença perturbou-os ! Ambos tiveram necessidade de fugir para esconderem a sua perturbação.

CLEMENCIA.

Meu amigo, Pedro, enlouqueceste. Blasphemias e torturas-me.

PEDRO.

Pois bem, restitua-me á razão. Eu sinto que me perco, desde que suspeito que a perdi. O tempo ás vezes torna-se tambem cumplice desses grandes crimes. Ao homem honrado e trabalhador que velou sem cessar pela sorte da sua familia, cava-lhe o rosto em sulcos profundos, embranquece-lhe os cabellos e dá-lhe á tez essa côr pallida e terrena que é como que a mortalha da mocidade. E á mulher perfida e cautelosa que viveu sempre ao abrigo dessa protecção e desse desvelo, conserva-lhe a frescura da mocidade e as tintas da primi-

tiva formosura, para maior encanto da seducção e para martyrio da consciencia incauta. Jure-me que não é verdade; jure-me que eu estou sonhando sob a pressão de um pesadelo cruel. Accorde-me esta alma e faça-me crer que ainda posso ser feliz!

CLEMENCIA.

Pedro; eu o juro; eu o juro pela cabeça de nossos filhos!

PEDRO, (recuando)

Meus filhos! Não prosigas, Clemencia, o raio da justiça divina pôde fulminar-te se os teus labios mentem. Sou eu agora quem te supplica. Se um crime te nodoou a alma, perde-te, perde-me; mas salva ao menos teus filhos, desgraçada, porque elles são os unicos laços que te podem prender ao céu!

CLEMENCIA.

Oh! meu Deos! a tua duvida mais me dóe que me avilta! Repito-te; eu t'o juro por elles!

PEDRO.

Ah! Esta aragem de felicidade me purifica os sentimentos! Deos que não te fulmina é por que confirma teu juramento. Ha, porém, em tudo isto um mysterio que eu não comprehendo. Eu vejo bem que em torno de mim nada mudou. Mas na immobildade destes moveis, na athmosfera que nos rodeia, na expressão aterrada de teu semblante, neste lugubre silencio que

desde hontem reina nesta mansão que era o asylo da paz e da felicidade, tudo me diz que ha aqui um segredo, alguma cousa de vago e de sombrio que me prognostica uma desgraça! E' forçoso assoberbar o destino! Um só factu deu origem a toda esta perturbação. Desviemo-lo. Ponhamos termo a toda esta anciedade. Renova o teu consentimento, case-se Ernesto com Laura e tudo estará terminado!

CLEMENCIA (subita e arrebatadamente).

Oh! nunca! Isso é impossivel!

PEDRO.

Impossivel?! Meu Deos! Eu enlouqueço! Pois bem! Seja qual for a explicação deste mysterio, ha aqui uma dupla deshonra para mim. Aceito só uma! Dei a minha palavra não a posso retirar. Interponho agora a minha autoridade. Vou mandar chamar o sacerdote.

CLEMENCIA (toma-lhe o passo).

Por Deos! Por nossa filha! O que tu intentas é mais do que um crime, é um sacrilegio!

PEDRO.

Um sacrilegio?!

CLEMENCIA.

Sim; accalma-te; ouve-me e mata-me. Ernesto é o fructo de um crime. Elle não pôde ser teu filho por que eu sou sua mãe!

PEDRO.

Ah! Clemencia! Clemencia! Tu agora é que deliras? Isso é que não pode ser. Não; tu me illudes, tu desvairas: ou é da minha cabeça que Deos retira a sua luz! Repete outra vez: elle é teu filho! Eu não sou seu pae! Dize-me então, oh! não me prolongues a agonia, quem é o pae desses desgraçados que são meus filhos!

CLEMENCIA.

Oh! esses não....

PEDRO.

E quem mais m'ó pôde garantir se tu acabas de aniquilar-me a consciencia com uma só palavra! Quem mais m'ó pôde garantir, se uma vida inteira se esborôa sobre o sepulchro das mais santas illusões da alma. O véo espesso de vinte annos pôde encobrir aos meus proprios olhos a nodoa que me enegrecia a honra, e é á luz de um relampago sinistro que eu posso hoje descobrir toda a profundidade de minha miseria. Tu não és uma mulher, és um monstro. Serpente dissimulada, foi ao abrigo da minha confiança, ao calor do meu affecto, que te nutriste para mais a salvo me envenenares a vida!

CLEMENCIA.

Meu Deus! Este supplicio só vale o perdão!

PEDRO.

O perdão para ti!... não. Póde-se perdoar ao odio

que nos denigre, á injustiça que nos humilha, á ingratição que nos fere; mas á mulher perfida e dissimulada, que ainda na aurora do matrimonio, imprime no thoro nupcial a nodoa indelevel do adulterio, e que pelo espaço de vinte annos, friamente, calculadamente, atrocemente, ludibria da honra maculada de seu marido, atraioando a sua confiança e pondo em duvida a legitimidade do seu sangue, não se pôde perdoar. Fôra um crime para com a sociedade; uma affronta a Deos! Tu queres morrer e tu deves morrer! Eu serei o braço da Providencia.

CLEMENCIA.

Sim... sim... mas dá-me um instante... um instante só para abraçar meus filhos, para beijar a minha Laura!

PEDRO.

Não; porque os teus labios polluidos podem corromper a innocencia e a virgindade dessa menina, que era, que é talvez minha filha. De joelhos!

CLEMENCIA.

Ah! Tu queres ser mais inflexivel do que Deos! Eu não quero o perdão, eu não te peço a vida; peço-te apenas um osculo de minha filha como a purificação de minh'alma.

PEDRO.

Não; não! (Clemencia corre em direcção a uma porta. Pedro

embarga-lhe os passos. Não junte o escandalo á minha desgraça! Poupe-me a affronta diante delles.

CLEMENCIA, (violentada, tenta desprender-se das mãos de seu marido e exclama:)

Laura! Laura! minha filha!

PEDRO (desvairado).

Não lhe dê mais esse nome. Ella já não se chama Laura! A filha da ignominia (apontando para Clemencia) chama-se — a vergonha! (apontando para dentro.)

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO QUINTO.

Ante-camara. Decencia e severidade nos ornatos e moveis.

Ao levantar o panno Pedro está sentado e Clemencia de joelhos a seus pés, debruçada sobre elle. Phisionomias transtornadas como apoz uma vigilia.

SCENA I

PEDRO E CLEMENCIA.

PEDRO.

Levante-se senhora. A sua, a minha honra estão perdidas! Tratemos de salvar, ao menos, a honra desses infelizes que foram.... que são nossos filhos! Laura não pôde mais ser feliz! Se ella soubesse.... morreria de vergonha antes de morrer pela sua paixão mallograda! Não ha se não um meio!

CLEMENCIA.

Qual?

PEDRO.

Mentir ante Deos e ante o mundo. Ernesto não é,

não póde, não deve ser seu filho ! Como o autor de seus dias já não existe, o segredo deste crime ficará entre nós ! E' necessario que a sociedade não possa crêr na possibilidade dessas miserias para que tenha fé nos seus destinos e se reconheça guiada pela mão da Providencia !

CLEMENCIA.

Ah ! sim ! acceito tudo ! essa exprobração que é a minha vergonha ; esta miseria que é o meu aviltamento ! Mas.... como desilludir a minha pobre Laura ! como apagar-lhe a esperança dessa união, que era sua felicidade, sem revelar-lhe o mysterio !

PEDRO.

A senhora não me comprehendeu ! Ernesto não tem mãe, não a póde ter. Mas.... seu pai.... seu pai, sou eu ! A justiça de Deos, bem como a justiça social é mais clemente para com essas faltas. O erro dos paes não lança sobre a frente dos filhos a nodoa eterna que os avilta ante a sociedade e ante a propria consciencia. Eu acceito perante o mundo a responsabilidade desse crime. Offereço em holocausto a minha honra sem macula para salvar a sua honra perdida. Já sabe o que ha de dizer a Laura. Diga-lhe que um erro da mocidade veio perturbar a velhice de seu pae e roubar-lhe a unica ventura que aspirava—a de vél-a feliz ! Minta, senhora, não lhe ha de isso custar ; minta-lhe como me mentio a mim ; é impossivel que ella a não creia como eu a acreditei !

CLEMENCIA.

Não ! não posso, não devo acceitar esse sacrificio. Quero

a punição para mim só, por que eu sou a unica culpada. Tu és bom, tu és grande, tu és generoso ! Para com sua mãe ultrajada, Ernesto poderia ser clemente ; mas elle te odiaria talvez !

PEDRO.

E que me importa a mim o odio de um homem ; se atraio sobre a minha cabeça a reprovação da sociedade inteira.

CLEMENCIA

Mas o que exiges de mim é superior ás minhas forças : o que me pedes é impossivel.

PEDRO.

Não, senhora ; o que é impossivel é rasgar o véo virginal que encobre a alma candida de Laura, para fazer penetrar na sua consciencia o raio sinistro de uma revelação que a deshonra ! O que é impossivel é que um homem de bem, que acata a Divindade e respeita a moral da sociedade consinta nesse spectaculo consternador que iria abrir aos olhos aterrados de uma menina ingenua um abysmo de vergonha e de impureza para mostrar-lhe no fundo desse abysmo, a imagem sagrada de sua mãe ! Isso é que é impossivel, senhora ; isso é o que fóra cruel e irreligioso ! Vá ; já que não a póde fazer feliz, busque ao menos torna-la menos desgraçada ! (Clemencia humilhada retira-se lentamente). (Pedro cahindo sobre uma poltrona). Meu Deos ! Meu Deos ! estala-me o coração ! (Chora). Vamos ! é necessario consumir o sacrificio. (Dirige-se á uma janella, abre-a bem como a porta da ante camara).

SCENA II

PEDRO E JORGE.

JORGE.

Meu pae!

PEDRO.

Acordaste cedo, Jorge.

JORGE.

Mais cedo do que o costume: ou antes não pude dormir.

PEDRO.

Alguma indisposição.

JORGE.

Talvez: mas meu pae tambem não dormio. Sua physionomia alterada; seu traje, a voz enfraquecida, os olhos fundos tudo me denuncia que meu pai soffre uma inquietação moral.

PEDRO.

Jorge!

JORGE.

Perdão, meu pai; se ousou violar o sacrario da sua consciencia. Mas em nome do céo, diga-me que eu não sou sómente seu filho, mas tambem seu amigo, o depositario do seu nome e da sua honra; o confidente leal dos seus soffrimentos.

PEDRO, (commovido e abraçando-o)

Oh! sim; tu és!

JORGE.

Eu não sou supersticioso, meu pai: mas desde hontem alguma cousa de vago e de indefinido atterra-me o espirito, enfraquece-me o animo e uma pressão afflictiva confrange-me o coração como por effeito de um pesadelo cruel. Em nome do amor que me consagra, confie-me as suas dôres. Sabe que eu sou homem. Diga-me se houve alguém, neste mundo, que ousou perturbar a calma serenidade da sua existencia honrada e feliz para que eu o desaffronte e prove que em minhas veias corre o sangue generoso que lhe infunde a vida.

PEDRO.

Houve Jorge; houve alguém bastante louco e miseravel para envenenar a felicidade e a calma dos meus velhos dias, roubando-me a unica gloria, a unica alegria, a unica recompensa da minha vida proxima a extinguir-se!

JORGE.

E esse alguém quem é?

PEDRO.

Eu mesmo! Teu pae!

JORGE.

Como assim?

PEDRO.

Sirva-te a minha desgraça de lição e de exemplo. Não

ha se não um caminho, meu filho, que o homem possa trilhar neste mundo sem vacillar antes de chegar ao seu termo—é o caminho do dever! Uma linha de desvio, um minuto de esquecimento, e aqui ou alli, mais cedo ou mais tarde, quem delinquo, tropeça, vacilla, cahe. Teu pai teve em sua vida uma hora de esquecimento e essa hora pesa-lhe hoje como uma condemnação perpetua. Laura não póde mais desposar Ernesto.

JORGE.

Porque, meu pai?

PEDRO.

Porque Ernesto é seu... é teu irmão!

JORGE.

Ah! (Cobrindo a fronte com as mãos).

PEDRO.

Tu cobres o rosto de envergonhado por teu pai, não é assim?

JORGE.

Oh! não!

PEDRO.

Terias razão se o fizesses. Mas, Deos foi bastante clemente para não permittir que este segredo ficasse eternamente occulto, afim de se não perpetrar á sua sombra um crime horroroso. Cumpre-te, portanto, meu filho, desempenhar uma dupla missão: desilludil-o da sua esperança e occultar-lhe ainda por algum tempo esta revelação que me envergonha.

JORGE.

E o que lhe poderei eu dizer!

PEDRO.

Tudo quanto o console e lhe assegure que não ha neste arrependimento um motivo de desdouro nem para Laura, nem para elle. Fôra cruel que lhe aggravassemos a dôr. Honrado, nobre e generoso, esse mancebo infeliz não era só digno do teu affecto, era-o tambem da minha estima, antes que o laço terrivel do meu sangue m'o vinculasse por um novo elo! Dize-lhe, pois, que uma fatalidade se oppõe ao seu enlace com Laura, que um segredo os affasta, mas que esse segredo não macula a nenhuma dessas duas almas puras. E um dia, que ha de chegar brevemente, quando a morte me cerre os olhos...

JORGE.

Meu pai!

PEDRO.

E só a minha memoria sobreviva no amor de meus filhos, chamal-o-has então para o seio da nossa familia, dar-lhe-has um lugar no coração de tua mãe e pedir-lhe-has para a memoria de seu pai o perdão e o respeito. E' necessario, porém, que te apresses. Por uma triste coincidencia é tambem hoje o dia da tua partida. Não precisava eu de tantos golpes para me sentir castigado.

JORGE.

Farei o que me ordena, meu pai: e Deos que o ouve ha de abençoa-lo do céu! (Beija-lhe a mão e retira-se).

PEDRO, (só).

E a sociedade rir-se-hia de mim se o soubesse!

SCENA III

PEDRO E LAURA.

LAURA.

Ah! meu pai hoje acordou mais cedo do que eu! Sua benção: e seu abraço tambem. Hoje como sempre, mas hoje mais significativo ainda do que nos outros dias! (Pedro abraça-a, mas procurando disfarçar sua commoção). Olhe! veja como a manhã está serena e fresca. As brisas do mar chegam até nós perfumadas pelo effluvio das roseiras que ornam o nosso jardim. Como está o céu bonito! Como a natureza toda parece inspirar-se da minha... da nossa felicidade!

PEDRO.

Sim... sim, minha filha!

LAURA.

Aqui, meu pai, minha mãe, os meus emfim, isto é, o amor que não se extingue, a amizade que se não enfada, o desvelo que se não cança: a minha casa, o nosso ninho, resguardado pelas arvores que lhe prestam

a frescura e a sombra! Além, o mar, calmo, azul, polido como um espelho e reflectindo a um tempo os raios do sol e as recordações da sua vida! E mais além... na minha imaginação, no meu desejo... uma esperança, um sonho, mas um sonho que meu pai me disse que se havia de transformar em uma realidade feliz! Não é assim?

PEDRO.

Ah! basta, minha filha, basta. (Chora.)

LAURA.

Pois que! meu pae chora?! pois então eu não posso ser feliz se não á custa das lagrimas dos meus?

PEDRO.

Não é isso, não, minha filha! Porque tu és minha filha, não és?

LAURA.

Se o sou! se o quero ser! Que pae me daria Deos mais extremoso, mais bom?

PEDRO.

Pois bem; teu pae soffre, minha filha, e soffre muito! A evocação da felicidade pelos teus labios veio despertar em minha alma este vago temor, estes receios crueis que me enlutam o coração e ennegrecem o horizonte do teu futuro! Choro, sim; seja embora, uma apprehensão pueril, tremo ante a hora que se aproxima;

um prognostico sinistro me acena tristemente. Quero pedir a felicidade e não ousar; quero acreditar nella e não posso! Mas Deos é bom; é justo; elle fará por ti o que teu pae não pôde fazer!

LAURA.

Meu Deos! meu Deos! eu tambem começo a ficar triste. Já não é a separação que me aterra, é a tristeza de meus pais que me angustia o coração. Eu não sabia; eu não queria... eu não quizera ser feliz assim! O meu noivado parece mais um enterro: aquelle véo tão alvo, tão diaphano, tão recamado de flôres, não é, não pôde mais ser um symbolo de ventura; pesa como um crepe funereo! Que mais falta? Eu vejo lagrimas para onde quer que me volte; aos meus ouvidos resôa apenas o echo de suspiros abafados; sinto a agonia em todos os corações que me amam!

PEDRO.

Laura, minha Laura; ah! eu devo ser cruel para contigo e pela primeira vez, e Deos sabe que será pela ultima! Minha filha, tu eras, tu és para mim mais do que a vida; a minh'alma se revia em ti; a minha esperança, a minha crença eras tu! Eu sentia Deos dentro do coração quando um raio dos teus olhos penetrava nelle. Em ti consubstanciou a natureza o meu ser, a minha consciencia, a minha gloria na terra, a minha esperança no céu! Fazer-te feliz era começar para mim uma nova existencia, rejuvenescida na tua mocidade, purificada na tua pureza! Vê se eu te queria

feliz! Mas teu sonho.... essa ventura que almejavas, foi uma illusão, é uma mentira, um impossivel.

LAURA.

Um impossivel?! meu Deos!

PEDRO.

Sim; Ernesto morreu para ti: tu não pôdes ser delle por que Deos se oppõe, por que um mysterio terrível acaba de separar a tua da sua alma! Eu sei que te estou lacerando o coração: mas repara que antes do teu, já esmaguei o meu com as proprias mãos! Não approuve a Deos abençoar os meus esforços na terra nem recompensar o meu culto pela virtude! Era necessario que tu não podesses ser feliz para que eu fosse duas vezes desgraçado!

LAURA.

Meu pae! meu pae!

PEDRO.

Repara como eu me sinto pequeno diante de ti: pequeno e miseravel. Quero e não posso; roguei não fui ouvido!

LAURA.

Embora, eu não sou de todo infeliz se ainda me resta o seu amor!

PEDRO.

O meu amor? não só: a minha adoração, o meu

desvello, a minha vida inteira consagrada á consolação do teu infortunio! Tua mãe te dirá o resto; vai para seu lado em quanto que eu tenho um outro dever doloroso a cumprir. Adeus; tem coragem, minha filha para soffrer como eu soffro! (retira-se).

SCENA IV

LAURA E CLEMENCIA.

(Laura que avista Clemencia corre para ella e abraça-a em prantos).

LAURA.

Ah! minha mãe! minha mãe! Eu sou muito infeliz!

CLEMENCIA.

E's, és minha filha, porque Deos me fez tua mãe!

LAURA.

Oh! não, não diga isso. Fui leviana, perdôe-me. Eu não devia dizer que sou infeliz desde que possuo o seu amor.

CLEMENCIA.

Já sei tudo; tu tambem o sabes. Mas o que não imaginas é que eu, tua mãe, sou quem te faz desgraçada. Tu ias buscar-me; e eu procurava-te. Os teus braços se estendiam para mim e os meus para ti: tu impellida pela afflicção, eu pelo remorso. Porque sou eu a causa da tua dôr, eu que crestei a flôr da tua felicidade com os meus beijos amaldiçoados.

LAURA.

Oh! não! não!

CLEMENCIA.

Sim, porque fui eu quem desvendou aos teus olhos o painel dessa ventura que te foge; eu que accendi, que alimentei no teu coração o affecto por cuja perda queres morrer de tristeza. E' de joelhos que te devo pedir perdão, perdão do mal que te fiz, perdão de te haver gerado. (Ajoelha-se.) Atraiçoei-te antes de sorrir-te; envenenei-te antes de beijar-te. Porque eu devia prever que tu não podias ser feliz sendo minha filha!

LAURA.

Minha mãe! meu Deos! que é isto? Eu fico louca. Esse logar é o meu. (Ajoelha-se tambem.) Eu sou quem lhe deve pedir perdão por essas lagrimas que derrama, por esse soffrimento que a punge. (Abraça-a e beija-a.) Eu já não sou, não quero mais consentir em que eu seja infeliz. Em seus braços, em seu carinho está toda a minha felicidade.

SCENA V

OS MESMOS, PEDRO E JORGE.

(Ao entrarem, Pedro volta o rosto commovido: Jorge dirige-se para Clemencia.)

JORGE.

Minha mãe! (Beija-lhe a mão.) Venho pedir a sua benção e o seu abraço.

CLEMENCIA (Como quem se recorda.)

Ah ! Então tu partes hoje ?

JORGE.

D'aqui a pouco. O commandante já se dirige para bordo.

LAURA, (abraçando a Jorge).

Meu irmão ! Jorge !

CLEMENCIA.

Deus é justo, mas severo para comigo ! O raio me fulmina, e eu não morro !...

JORGE.

Minha irmã ; vem comigo, prestar-me talvez o teu ultimo serviço.

LAURA.

Jorge, não me angustie ainda mais !

JORGE (a meia voz).

Dirás a Amelia que.... se Deos quizer, ainda nos tornaremos a vêr. Vem ajudar-me a fechar as minhas malas. (Sahem).

SCENA IV

PEDRO E CLEMENCIA.

PEDRO (Apontando para os filhos que se retiram).

Vê ? Não foi só a minha felicidade que a senhora destruiu com seu crime : foi tambem a felicidade dessas

creanças, a delles e a de outros !— A senhora tinha uma missão divina a cumprir. Trahiu essa missão faltando ao seu dever !— Quando Deos concede a uma mulher o sagrado privilegio de ser mãe, quer que ella, por sua pureza, eleve a sua condição ao paralelo da virgindade. Não é só sobre o tumulo das donzellas que se pôde depôr os symbolos augustos da honestidade e da candura. A's esposas tambem se concede esse direito, quando pôdem no seu sepulchro, juntar á palma da maternidade, em vez de uma capella de flôres, uma corôa de virtudes. Despedaçando a tantos corações a senhora despedaçou tambem os laços de uma familia. Sem se lembrar que a familia, que a unificação moral dos sexos em uma aspiração e em uma responsabilidade commum, não é só o templo da ventura domestica, mas o grande templo da felicidade social.— O que resta a esse pobre moço que a fatalidade ou antes a Providencia conduzio ao nosso lar ? A que aspirava elle ? Aspirava encontrar a familia que a senhora lhe roubou duas vezes — quando o engeitou como o fructo do seu crime, na hora em que se desprendeu do seu seio, e quando o engeitou na hora em que buscava o seio de sua filha ! A Jorge, á minha Laura o que resta tambem ? Restam as lagrimas, o soffrimento, a illusão.... mas a illusão sombria e aterradora em cuja sombra occulta-se a suspeita da deshonra ! E de mim... de mim... o que lhe direi ?

CLEMENCIA.

E a mim tambem, o que me resta se nem posso aspirar ao teu perdão ? !

PEDRO.

Resta-lhe.... o meu desprezo generoso !

CLEMENCIA, (com exaltação).

Ah ! não... não... quero outra pena. A vida com o teu desprezo é uma dupla condemnação. Sê generoso, mata-me.... (Abrindo-lhe o seio e ajoelhando-se a seus pés.)

PEDRO.

Não; seria manchar as minhas mãos com um crime. Nenhum homem tem o direito de ir perturbar a harmonia do céu com a presença de uma alma que Deos não chamou ! Viva ! para desaffronta perpetua da minha honra ultrajada ! Viva ! para seu castigo e seu remorso ! Viva ! para, edificada no exemplo da sua propria abjecção, poder ao menos doutrinar na virtude essa menina ingenua e desgraçada, fazendo-lhe comprehender que a mãe de familia não é só o alicerce do lar domestico, mas a base da sociedade inteira !

(Clemencia cahe a seus pés como que fulminada).

Fim.

